

Deserto de Homens

4. VI. 52

Há um candidato já na liça: Ademar de Barros. Outro há que forceja por romper as barreiras constitucionais que lhe vedam a entrada: Amaral Peixoto, o genro presidencial. E, por incrível que possa parecer a quem conheça o verdadeiro valor dos homens, começa já a apontar e, ao que parece, com receptividade popular, a candidatura do presidente Eurico Dutra, que foi, por sua incapacidade, o grande eleitor do sr. Getúlio Vargas no último pleito. Isto na hipótese de haver eleição, ou fazer-se ela normalmente, porque, sobre as instituições democraticas, se projeta a sombra do grande e impenitente usurpador.

Tal é o quadro que nos oferece o regime na presente conjuntura. Ao atual presidente restam ainda quase quatro anos de govêrno, mas o problema politico dominante, desde o dia da posse, tornou-se o da sucessão. Essa antecipação, cada vez maior, do problema sucessório, fez-se regra em nosso País. Quando outros gravissimos defeitos não tivesse o regime politico vigente, bastaria êste a condená-lo irremissivelmente. Importa êle em banir da vida política a consideração de todos os problemas fundamentais de govêrno. Toda a atividade se consome em constituir o govêrno, como se êle fôsse um fim em si mesmo. Organizam-se os partidos, alistam-se os cidadãos, fazem-se as campanhas, realizam-se as eleições, unicamente para isso: para eleger o Presidente da República ou o Governador do Estado, isto é, para escolher o árbitro dos destinos da coletividade. A democracia que a tal se reduz não pode prosperar, não pode vingar. Melhor, já deixou de ser democracia.

Dir-se-á, porém, decorrer mais a falha dos costumes, que das instituições. Que culpa terá o sistema, se os politicos se preocupam com a renovação do govêrno muito antes do que seria razoavel?

Realmente, êstes são os nossos costumes. Mas foram criados pelo funcionamento do sistema. Fazendo do Presidenote da República um senhor poderoso, embora limitado no tempo pela duração do seu mandato, um soberano, sem o beneplácito do qual nada se resolve, do arbítrio do qual tudo pende, o nosso regime reduz necessariamente todos os problemas politicos a um só problema — a eleição do Presidente da República. A história da quadra republicana não nos oferece outro gênero de campanhas, nada que se pareça com a abolição, a federação, o voto direto. As proprias revoluções foram direta ou indiretamente determinadas pela sucessão presidencial.

Outro fôsse o regime, e diversos seriam necessariamente os costumes. Tivéssemos adotado o sistema parlamentar, que faz do Presidente da República apenas um magistrado, e onde o govêrno se organiza, no seio do parlamento, em função dos problemas que se apresentam e cumpre resolver, não teriam como gerar-se os costumes atuais. Eles são consequencia do sistema presidencial de govêrno.

Ao alinhar, porém, no começo dêste artigo, os candidatos que se estão preparando para a pugna, outro era o aspeto que pretendiamos acentuar. Três candidatos, manifestos ou potenciais, nomeámos nós. Um deles é uma individualidade excepcional, talvez singular, mas não apresenta aquele conjunto de qualidades capazes de recomendar um cidadão à alta investidura. A sua candidatura representaria apenas o amoralismo na vida pública, seria, se vitoriosa, a consagração da grosseira filosofia do êxito. O segundo é um politico comum, como tantos há e tem havido, mas a sua candidatura representaria a ruptura de todas as resistências à implantação de um govêrno familiar. Seria um desastre, se pudesse chegar, sequer, a ser levantada. O terceiro é talvez a melhor illustração da tese que temos em mente.

Injusto seria reduzir a gênese da candidatura que se es-

boça ao saudocismo dos amigos do antigo Presidente. Se o ambiente não se lhe mostra desfavoravel, é que existe no movimento uma reação, por ora difusa e mal caracterizada, contra a situação politica dominante no País. Já se prediz, até, que o sr. Eurico Dutra será o candidato da União Democratica Nacional na proxima campanha presidencial.

Aí está, retratada ao vivo, a incrível pobreza de homens públicos, a que nos reduziu o sistema presidencial. Para combater a candidatura do sr. Ademar de Barros, tão inevitavel como um terremoto em gestação nas entranhas da terra, ou para opor a uma possivel candidatura palaciana, que talvez se apresente como derivativo a um novo govêrno de facto, o nome que surge é o do antigo Presidente da República!

Ora, o sr. Eurico Dutra é um homem mediocre. Não vai nenhuma injuria em dizê-lo. Mediocre somos quase todos nós. Desonroso não é ser mediocre; desonroso é proceder mal dentro da propria mediocridade. O sr. Eurico Dutra é, pois, um homem mediocre, e um homem que da sua mediocridade teve uma compreensão perfeita, quando, deixando a Presidência da República, passou a distrair-se com ver vitrinas. Mas êle não foi apenas o mais mediocre dos nossos Presidentes, foi também o homem que, pela mediocridade do seu govêrno e pelos abusos e escandalos que nele permitiu, possibilitou a volta de Getúlio Vargas. Tem-se dito, e é uma verdade incontestavel, haver sido êle o grande eleitor do ditador deposto. É preciso, pois, que o Brasil se tenha tornado, cada vez mais, um deserto de homens e de ideias, como o proclamou ha mais de vinte anos o sr. Osvaldo Aranha, para que se pense agora em recorrer a Dutra, a fim de o opor a Ademar, ou combater um candidato palaciano.

Como agudamente observou um dos nossos mais brilhantes cronistas, estabelecer-se-á o rodizio Vargas-Dutra-Vargas-Dutra. A candidatura do sr. Eurico Dutra foi o recurso de que se lançou mão para obstar a continuação do sr. Getúlio Vargas no poder. A última eleição do sr. Getúlio Vargas foi uma reação contra as clamorosas deficiencias do govêrno do sr. Eurico Dutra. Em revide ao desastroso govêrno do sr. Getúlio Vargas começa-se a pensar agora numa nova candidatura Eurico Dutra.

A este circulo vicioso levou o País a ação esterilizante do presidencialismo. Não poderia haver deserto mais deserto do que este.